

VOLUME 1

BLONDE

JOYCE CAROL

OATES

VENCEDORA DO
NATIONAL BOOK AWARD
E FINALISTA DO PULITZER

Tradução
Luisa Geisler

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2021

Copyright © 2020 by The Ontario Review. All rights reserved.

Título original: *Blonde 20th anniversary edition*

Blonde é uma obra de ficção. Enquanto muitos personagens apresentados aqui são homólogos à vida e à época de Marilyn Monroe, as caracterizações e os incidentes apresentados neste livro são produtos da imaginação da autora. Dessa forma, *Blonde* deve ser lido apenas como obra de ficção, não como uma biografia de Marilyn Monroe.

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Marina Góes*

Preparação de original: *André Sequeira*

Revisão: *Marcela de Oliveira*

Capa: *Letícia Quintilhano*

Imagem de capa: *Getty Images*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção do eBook: *Ranna Studio*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O11b

Oates, Joyce Carol, 1938-

Blonde: parte 1 / Joyce Carol Oates; tradução Luisa Geisler. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Harper Collins, 2021.

400 p.

Tradução de: *Blonde*

ISBN 9786555110845

1. Ficção americana. I. Geisler, Luisa. II. Título.

20-67576

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Para Eleanor Bergstein e para Michael Goldman

Nota da autora

Blonde é uma “vida” radicalmente destilada na forma de ficção e, por toda sua extensão, sinédoque é o princípio da apropriação. No lugar dos inúmeros lares temporários em que a criança Norma Jeane morou, por exemplo, *Blonde* explora apenas um deles, e ainda um fictício; no lugar dos inúmeros amantes, crises médicas, abortos e tentativas de suicídio e performances nas telas, *Blonde* explora apenas uma pequena seleção emblemática.

A Marilyn Monroe histórica de fato manteve um tipo de diário e de fato escreveu poemas, ou fragmentos poéticos. Desses, apenas duas frases estão incluídas no capítulo final do Volume 2 (“Socorro, socorro!”); os outros poemas são inventados. Algumas das observações no capítulo “A obra reunida de Marilyn Monroe”, também do segundo volume, foram extraídas de entrevistas, outras são fictícias; as frases no fim do capítulo são a conclusão de *A origem das espécies*, de Charles Darwin. Fatos biográficos relacionados a Marilyn Monroe não devem ser buscados em *Blonde* — que não se pretende um documento histórico — mas em biografias. (As que foram consultadas pela autora são *Legend: The Life and Death of Marilyn Monroe*, de Fred Guiles, 1985; *Goddess: The Secret Lives of Marilyn Monroe*, de Anthony Summers, 1986; e *Marilyn Monroe: A Life of the Actress*, de Carl E. Rollyson Jr.,

1986. Livros mais subjetivos a respeito de Monroe como figura mítica são *Marilyn Monroe*, de Graham McCann, 1987, e *Marilyn*, de Norman Mailer, 1973.) Em relação a livros que forneceram informações sobre política norte-americana, em especial Hollywood nos anos 1940 e 1950, *Naming Names*, de Victor Navasky, foi de ajuda imensa. Quanto a livros sobre interpretação, *The Thinking Body*, de Mabel Todd, *Para o ator*, de Michael Chekhov, e *A preparação do ator e Minha vida na arte*, de Constantin Stanislavski, são livros reais; enquanto *O manual prático para atores e suas vidas* e *O paradoxo do atuar* são inventados. *O livro do patriota americano* é inventado. Uma passagem do fim de *A máquina do tempo*, de H.G. Wells, é citada duas vezes, nos capítulos “Beija-flor”, no Volume 1, e “Partimos todos para o Mundo de Luz!”, no Volume 2. Frases de Emily Dickinson aparecem nos capítulos de nome “O banho”, “A órfã” e “Hora de se casar”, todos presentes no primeiro volume. Trechos de *O mundo como vontade e representação*, de Arthur Schopenhauer, aparecem em “A morte de Rumpelstiltskin”, no Volume 1. Um excerto de *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud, está presente, em paráfrase, em “O Atirador de elite”, no segundo volume. Trechos de *Pensamentos*, de Blaise Pascal, encontram-se em “Roslyn 1961”, também no segundo volume de *Blonde*.

* * *

Partes deste romance apareceram em versões distintas nas revistas *Playboy*, *Conjunctions*, *Yale Review*, *Ellery Queen*

Mystery Magazine, Michigan Quarterly Review e TriQuarterly.
Meus agradecimentos aos editores dessas publicações.

Agradecimentos especiais a Daniel Halpern, Jane Shapiro e
C.K. Williams.

Sumário

Introdução

PRÓLOGO 3 DE AGOSTO, 1962

Entrega especial

A CRIANÇA 1932-1938

O beijo

O banho

Cidade de areia

Tia Jess e Tio Clive

A perda

Os presenteadores

A órfã

A maldição

A GAROTA 1942-1947

O tubarão

“Hora de se casar”

O garoto do embalsamador

Pequena esposa

Guerra

Pin-up 1945

Contrata-se

Filha e mãe
Aberração
Beija-flor

A MULHER 1949-1953

O Príncipe Sombrio
“Miss *Golden Dreams*” 1949
O amante
O teste
O nascimento
Angela 1950
O altar quebrado
Rumpelstiltskin
A transação
Nell 1952
A morte de Rumpelstiltskin
O resgate
Naquela noite...
Rose 1953
A constelação de Gêmeos
A visão

Sobre a autora

Introdução

Publicado no ano milenar de 2000, *Blonde*, de Joyce Carol Oates, foi concebido em escala grandiosa, usando a lendária Marilyn Monroe como emblema dos Estados Unidos no século XX. O romance começa com um prólogo sufocante, datado de 3 de agosto de 1962, véspera da morte de Monroe, quando um mensageiro adolescente dispara em sua bicicleta para cruzar no crepúsculo o tráfego de Los Angeles com uma entrega especial para:

OCUPANTE — “MM”
12305 FIFTH HELENA DRIVE
BRENTWOOD CALIFÓRNIA
ESTADOS UNIDOS
“TERRA.”

Ele é “Morte às pressas. Morte pedalando em fúria”, também é Morte, a mensageira do poema de Emily Dickinson, que gentilmente pausa para a pessoa inquieta que não pode esperar por ela. Com essa passagem alucinatória, Oates nos puxa para dentro de um livro sobre o destino de uma estrela no mundo de espelhos, fumaça e sombras de Hollywood, um mundo em que corpos femininos são mercadorias trocadas por deleite e lucro. Em seu romance mais ambicioso, Oates misteriosamente

canaliza a voz interior de Monroe e demanda reconhecimento, compaixão e respeito à atriz.

A ideia do livro surgiu quando Oates viu uma foto de Norma Jeane Baker radiante aos 15 anos, ainda sem parecer em nada com Marilyn Monroe, vencendo um concurso de beleza na Califórnia em 1941, com uma coroa de flores artificiais em seu cabelo castanho cacheado e um medalhão feminino no pescoço. Oates se identificou com a inocência de Norma Jeane, situação de que se lembrou em entrevista com o biógrafo Greg Johnson. “Senti uma sensação imediata de uma espécie de reconhecimento; esta jovem, cheia de esperança, tão americana, evocava uma imagem muito poderosa das garotas da minha infância, algumas delas com lares caóticos.” Garotas assim, muitas das quais Oates conhecera no norte rural do estado de Nova York, haviam se tornado personagens em seus contos e romances, onde seus sonhos, em geral, acabam em derrota. No começo, ela planejou escrever um romance curto a respeito da metamorfose de uma garota comum no ensino médio em estrela, que perde seu nome real e ganha um artístico que há de obliterar sua história e identidade. O livro acabaria com as palavras “Marilyn Monroe”. Mas à medida que assistia a todos os filmes com Monroe, aprendia mais sobre sua inteligência e seu humor, sua determinação em ser vista como uma atriz séria e a intersecção de sua carreira com diversos desdobramentos da cultura norte-americana do meio do século xx — esportes, religião, crime, teatro, política —, Oates se deu conta de que precisaria de um formato ficcional maior para explorar uma mulher que foi muito mais que uma vítima.

Enquanto o livro evoluía e crescia ao longo dos dois anos de pesquisa e escrita, a autora contou ao jornalista da revista *Time* Nikolas Charles, em 2015, que começou “meio que seriamente” a pensar em Monroe “como minha Moby Dick, a poderosa imagem galvanizante ao redor da qual se poderia construir um épico, com miríades de camadas de significado e importância”. Construir um romance épico em torno de uma mulher — ainda mais uma celebridade da cultura popular e das revistas de fofocas e fãs — era um empreendimento ousado, mas Oates via aspectos profundos na história de Monroe que permitiam pensar seriamente nela como uma figura americana trágica e representativa. E, nas palavras de um crítico que não sabia que Melville tinha sido um de seus modelos, Oates acertou em cheio: “*Blonde* é uma verdadeira ruptura mítica, em que Marilyn é tudo e nada — uma Grande Baleia Branca de significado, de pé não pelo poder cego da natureza, mas pelo poder cego do artifício.”

A mítica de Marilyn Monroe era especial porque combinava três personas femininas: primeiro, havia Norma Jeane Baker, a garota boazinha e comum com coração ingênuo e vulnerável. Uma filha ilegítima que crescera em orfanatos e lares temporários, que buscava um pai, uma família, educação, romance, dinheiro e segurança; suas primeiras lembranças são de estar arrebatada na plateia de um teatro escuro, a igreja de Hollywood, onde ela vai idolatrar estrelas em vez de santos.

A segunda persona era Marilyn Monroe, a pin-up, bombástica, símbolo sexual e deusa do cinema. É a criação artificial do sistema de estúdios de Hollywood, com um nome

de “murmúrio sexy” e de voz pueril ofegante. Voluptuosa e sedutora, sua beleza natural transformada com aparelhos dentários, água oxigenada, cílios postiços, batom vermelho, roupas justas e saltos agulha vacilantes que dificultam uma fuga, Marilyn é seu corpo. Ainda assim, paradoxalmente, atrás da imagem brilhante e glamourosa, ela sustenta a vergonha e aversão a si mesma de existir em um corpo feminino em uma cultura misógina — medo de ser impura; nojo da própria sexualidade; uma vida de cólicas menstruais, problemas ginecológicos e abortos, espontâneos ou não.

A terceira persona, a *Blonde*, a loira, é um símbolo, a criatura pura e virginal de contos de fadas e parábolas religiosas. Na cultura popular e nos comerciais, representa a existência de classe alta, organizada e imaculada, que Oates chama de uma “vida *blonde*”, vida loira. Você não precisa nascer loira. O estado loiro é alcançável, mas não garante uma vida impecável. Desejada e idolatrada como um ideal de classe e beleza branca, a loira ainda assim é detestada e maculada como uma vagabunda tanto na pornografia quanto na fantasia.

Oates se viu obcecada pelo enigma complexo de Marilyn Monroe. *Blonde* cresceu a ponto de ser seu maior romance, e de fato o manuscrito original é quase duas vezes maior que o livro publicado. Como ela descreve na página de créditos, *Blonde* não é uma biografia de Monroe, nem mesmo um romance biográfico que segue os fatos históricos da vida do indivíduo. De fato, as dezenas de biógrafos de Monroe discordam a respeito de muitos fatos básicos de sua vida. *Blonde*, no entanto, é um trabalho de ficção e imaginação; nele, Oates reorganiza e

inventa detalhes da vida de Monroe, e brinca com eles, na tentativa de obter uma verdade mais profundamente poética e espiritual. Ela condensa e une eventos em um processo que chama de “destilação”; então, em vez de numerosos lares temporários, amantes, crises de saúde e performances na tela, ela explora “uma pequena seleção emblemática”. Ao mesmo tempo, desenvolve e aprofunda panoramas inerentes à história de Monroe, incluindo o desenvolvimento de Los Angeles, a história do cinema, a caça às bruxas do Comitê de Atividades Antiamericanas na indústria cinematográfica e a lista negra. Cada um desses enredos poderia ser um romance em si, mas, como capítulos a respeito de cetologia e do universo baleeiro em *Moby Dick*, eles aumentam a qualidade épica do romance.

Das centenas de personagens no livro, algumas identificadas por nomes reais, como Whitey, o maquiador que criou e manteve o visual icônico de Monroe — embora a semelhança do nome com “White”, branco, também sugira ironicamente a boneca de pele branca e cabelo platinado que ele concebeu. Outros, incluindo os dois filhos de estrelas de Hollywood, Cass Chaplin e Edward G. Robinson Jr., ganharam histórias fictícias. Os maridos famosos de Monroe recebem nomes alegóricos — o Ex-Atleta e o Dramaturgo — e são personagens fictícios em vez de retratos de Joe DiMaggio e Arthur Miller. Da mesma forma, fragmentos de poemas de Emily Dickinson, W.B. Yeats e George Herbert aparecem junto de trechos de poesia atribuídos a Norma Jeane que a própria Oates compôs.

Dois temas centrais ajudam a estruturar a vasta varredura de detalhes narrativos. Em primeiro lugar, a atuação como

metáfora, profissão e vocação. Oates cita clássicos em atuação, como Constantin Stanislavski e seu discípulo Michael Chekhov, sobrinho do teatrólogo. Monroe foi fotografada estudando o livro dele *Para o ator*. Entre as epígrafes, há uma passagem do *The Actor's Freedom*, de Michael Goldman. “O espaço de interpretação é uma zona sagrada [...] onde o ator não pode morrer.” Goldman, a quem *Blonde* é dedicado, e também à sua esposa, a romancista e roteirista Eleanor Bergstein, é um teórico e acadêmico do teatro. Oates também cita trabalhos a respeito de interpretação inventados por ela, que a permitem enfatizar as diferenças entre dedicação religiosa individual do teatro, uma arte a qual Monroe aspirava, e o processo coletivo do cinema, em que diretor, editor, figurinista e operadores de câmera são cocriadores. Monroe tenta trazer a intensidade da performance de palco ao meio mais técnico da tela.

Oates também bebeu na fonte de tradições literárias do conto de fadas e do romance gótico. Em um ensaio de 1997 a respeito dos contos de fadas, ela notou a visão limitada da ambição feminina e a promoção do realizar de desejos simplistas deles. Competição entre mulheres é inerente a todos enredos: “Na maioria dos contos, ser uma heroína [...] requer juventude e beleza física extremas; não seria suficiente ser apenas bonita, deve-se ser ‘a mais bela de todo o reino’, ‘a mais angelical já vista’.” Mas essas histórias também oferecem “um armazém incalculavelmente rico de [...] imagens, um vasto mar dos Sargaços da imaginação.”

A versão hollywoodiana desse conto de fadas é o romance da Princesa Cintilante e do belo Príncipe Sombrio, o enredo do

primeiro filme que Norma Jeane vê na vida, e a fantasia recorrente de sua vida. Seu primeiro agente, I.E. Shinn, diz a ela que ser uma estrela significa competir: “Deve haver uma Princesa Cintilante exaltada acima de todas as outras.” O outro lado da Princesa Cintilante de sucesso é a excluída Plebeia Esfarrapada, a pária que irremediavelmente tenta pertencer. Além disso, na versão gótica do conto, o Príncipe Sombrio é também um homem poderoso que prende a princesa em um castelo mal-assombrado. O Estúdio representa esse espaço macabro, à medida que Norma Jeane atravessa um sistema controlado por implacáveis homens predatórios que ela deve apaziguar, satisfazer e servir. Ser “vestida e arrumada para o ‘estrelato’”, Oates escreve com fúria, é “uma espécie de fabricação animal, como procriação.” Em seus níveis mais baixos, o Estúdio tem empregados que parecem duendes e gárgulas de contos de fadas. I.E. Shinn é Rumpelstiltskin, comparado ao “pequeno homem-duende feioso que ensinou à filha dos Miller a transformar palha em ouro no tear”. Atrás das paredes do Estúdio ficam os Magos: colunistas de fofocas, jornalistas de revistas para fãs e os tabloides. São figuras quase-religiosas da Igreja de Hollywood, mas também as bruxas más dos contos de fadas, “lá no nascimento da estrela [...], lá em sua morte”.

Esses temas se unem em um capítulo chamado “Beija-flor”, narrado do diário de Norma Jeane em setembro de 1947, quando tinha 21 anos e estava a caminho de seu primeiro teste para um filme. Ela é a única garota em sua aula de teatro chamada para um teste e para conhecer o produtor sr. Z., e acha

que é porque seu talento foi reconhecido. Ela também foi convidada ao famoso aviário de sr. Z., que acredita ser uma coleção de lindas aves tropicais; mas, ao entrar no recinto, se depara com uma coleção de pássaros mortos, empalhados, em gaiolas de vidro. “Todos os pássaros mortos são fêmeas”, pensa ela; “tem algo de feminino em estar morto.” Rapidamente, o sr. Z a leva para o apartamento privativo nos fundos do escritório, e lá ordena que ela deite em um tapete branco de pele e a estupra brutalmente. Norma Jeane tenta justificar o que houve: “Ele não era um homem cruel, creio eu, mas sim acostumado a conseguir o que quer é claro & cercado de ‘gatinha’[...] deve haver a tentação de ser cruel quando se está cercado desse povo & eles se encolhem [...] em terror da sua vontade.”

Humilhada e sofrendo, ela se levanta para fazer o teste. Mas o estupro tinha sido o teste, e ela consegue o papel. O que resta é dar um novo nome a Norma Jeane Baker. O capítulo termina com uma declaração de renascimento estática e terrível: “Minha nova vida! Minha nova vida começou! Começou hoje! [...] Só agora está começando, tenho 21 anos & eu sou MARILYN MONROE.”

Quando *Blonde* foi publicado nos anos 2000, foi indicado a prêmios literários e amplamente eleito a obra-prima de Oates. Mas também foi chamado de lúrido, excêntrico e feroz. Darryl F. Zanuck, o modelo para sr. Z., tinha sido chamado de predador sexual cínico — mas eram apenas boatos. Leitores de *Blonde* hoje, no entanto, reconhecem a cena diabólica do estupro no sofá de Harvey Weinstein e outros magnatas de Hollywood, cujos anos de molestamento, assédio e abuso sexual

de aspirantes a atrizes foram trazidos à tona em 2017, quando as mulheres que fizeram as acusações se mobilizaram e criaram o movimento #MeToo. *Blonde* agora parece mais realista, e sua fúria feminista permanece justificada.

Sabemos nas primeiras frases do romance, assim como de todos os livros e filmes que foram feitos dela, que a história de Marilyn Monroe acabou com sua morte aos 36 anos, morte que se tornou parte de sua lenda. *Blonde* também foi escrito a respeito e adaptado para a televisão e filmes. Apenas poucos anos atrás, ainda poderia ser lido como uma versão sensacionalista da história de Monroe. Agora deve ser visto como uma defesa passional e profética.

— ELAINE SHOWALTER

No círculo de luz, no meio da escuridão do palco, a sensação é de estar totalmente sozinho. [...] Isso se chama solidão em público. [...] Durante uma performance, diante de uma audiência de milhares, você sempre pode se enclausurar nesse círculo, como um caracol na concha. [...] Você pode levar isso aonde quer que vá.

— Constantin Stanislavski,
A preparação do ator

O espaço de interpretação é uma zona sagrada [...] onde o ator não pode morrer.

— Michael Goldman,
The Actor's Freedom

A genialidade não é um dom, mas a saída que se encontra em casos desesperados.

— Jean-Paul Sartre

Prólogo

3 DE AGOSTO, 1962

Entrega especial

Lá vinha a Morte se arremessando pelo Boulevard sob a luz minguante em sépia.

Lá vinha a Morte disparada como em um desenho animado em uma pesada bicicleta de mensageiro sem adorno algum.

Lá vinha a Morte infalível. A Morte que não seria dissuadida. Morte às pressas. Morte a pedalar furiosamente. Morte carregando um pacote marcado como *ENTREGA ESPECIAL FRÁGIL* em uma cesta de arame resistente atrás do selim.

Lá vinha a Morte costurando habilmente com sua bicicleta sem graça o tráfego do cruzamento de Wilshire e La Brea onde, por causa de reparos na rua, duas pistas no sentido Oeste da Wilshire haviam virado uma.

Morte tão ágil! Morte fazendo careta para os motoristas de meia-idade e suas buzinas.

Morte rindo *Se fode aí, amigo!* E você. Como Pernalonga passando voando pelas carcaças reluzentes, novinhas em folha, dos automóveis caros.

Lá vinha a Morte indiferente ao ar poluído e rançoso de Los Angeles. Ao radioativo ar quente do sul da Califórnia onde a Morte nascera.

Sim, eu vi a Morte. Eu tinha sonhado com a Morte na noite anterior. Muitas noites antes. Eu não tive medo.

Lá vinha a Morte tão casual. Lá vinha a Morte debruçada no guidão coberto de ferrugem de uma bicicleta desengonçada, mas fleumática. Lá vinha a Morte numa camiseta da Cal Tech, calças cáqui lavadas, mas não passadas, tênis sem meias. A Morte com panturrilhas musculosas, pernas de pelos escuros. Uma nodosa coluna curvada. Manchas e espinhas adolescentes no rosto. Morte com coragem reunida, cérebro atordoado pela luz do sol refletida dos para-brisas cortantes como cimitarras, aço.

Mais buzinas no rastro extravagante da Morte. Morte com um corte de cabelo rente e espetado. Morte mascarando chiclete.

Morte tão rotineira, cinco dias da semana, além de sábados e domingos por uma taxa extra. *Serviço de entregas Hollywood*. Morte com seu pacote especial para entrega em mãos.

Lá vinha a Morte inesperadamente para Brentwood! Morte voando pelas estreitas ruas residenciais de Brentwood, quase desertas em agosto. Em Brentwood, a futilidade tocante de “propriedades” meticulosamente cuidadas pelas quais a Morte pedala rápido. E rotineiramente. Alta Vista, Campo, Jacumba, Brideman, Los Olivos. Até Fifth Helena Drive, um beco sem saída. Palmeiras, buganvílias, trepadeiras de rosas vermelhas. Um perfume de flores apodrecendo. Um perfume de grama queimada de sol. Jardins murados, glicínias. Entradas circulares para automóveis. Janelas com venezianas bem fechadas contra o sol.

A Morte portando um presente, sem endereço de devolução, para:

OCUPANTE — “MM”
12305 FIFTH HELENA DRIVE
BRENTWOOD CALIFÓRNIA
ESTADOS UNIDOS
“TERRA.”

Chegando a Fifth Helena, a Morte pedalava mais devagar. A Morte estreita os olhos para os números na rua. A Morte não tinha atentado ao pacote com um endereço tão esquisito. Com um embrulho tão esquisito de papel de presente com cara de reutilizado e fios brilhantes e listrados. Adornado com um laço de cetim comprado pronto grudado na caixa com fita adesiva transparente.

Era um pacote com cerca de vinte por 25 centímetros e pesando poucos gramas, como se vazio? Lotado de lenços de papel?

Não. Chacoalhando, dava para notar algo dentro. Um objeto de bordas arredondadas feito de tecido, talvez.

Ali estava, cedo na manhã de 3 de agosto de 1962, a Morte tocando a campainha no número 12305 na Fifth Helena Drive. Morte limpando a testa suada com o boné de beisebol. Morte mascarando chiclete rápido, com impaciência. Sem ouvir passos do lado de dentro. E não pode deixar o maldito pacote na porta, tem que pegar uma assinatura. Ouvindo apenas o zumbido do ar-condicionado em uma janela. Talvez um rádio lá dentro? É uma casa pequena de arquitetura espanhola, uma “hacienda”, térrea. Paredes de barro falso, telhas de um laranja brilhante, janelas com venezianas fechadas e um ar de poeira acinzentada.

Amontoada e em miniatura como uma casa de bonecas, nada de especial para Brentwood. A Morte tocou a campainha de novo, pressionando com força. E desta vez, a porta se abriu.

Das mãos da Morte aceitei o presente. Eu sabia o que era, acho. De quem era. Ao ver nome e endereço eu ri e assinei sem hesitar.

A criança
1932-1938

O beijo

Tenho assistido a esse filme ao longo de toda minha vida, ainda que nunca até o final.

Ela quase poderia dizer *Este filme é a minha vida!*

Sua mãe a levou pela primeira vez quando tinha uns 2 ou 3 anos. Sua primeira lembrança, tão empolgante! Grauman's Egyptian Theatre, o cinema no Hollywood Boulevard. Isso foi anos antes de ela conseguir entender até os rudimentos da história do filme, mas ainda assim foi cativada pelo movimento, o incessante movimento fluido ondulado na tela enorme acima dela. Ainda incapaz de pensar *Este foi exatamente o universo em que incontáveis e inomináveis formas de vida foram projetadas.* Quantas vezes em sua infância e mocidade perdidas ela voltaria com desejo a esse filme, reconhecendo-o de imediato apesar da variedade de títulos, de seus muitos atores. Pois sempre haveria a Princesa Cintilante. E sempre o Príncipe Sombrio. Uma complicação de eventos os unia e então os separava, e os unia de novo e outra vez os separava, à medida que o filme se aproximava do final, e a música se elevava, eles estavam prestes a se unir em um abraço ardente.

Ainda que nem sempre um final feliz. Não havia como prever. Pois às vezes um deles se ajoelhava no leito de morte do outro e selava o desterro com um beijo. Mesmo se ele (ou ela)

sobrevivesse o perecimento do amado, você sabia que o sentido da vida tinha acabado.

Pois não há sentido na vida além da história do filme.

E não há história do filme além da escura sala de cinema.

Mas que aflição, nunca ver o final do filme!

Pois sempre algo dava errado: havia uma comoção no cinema, e as luzes se acendiam; um alarme de incêndio (mas sem incêndio? Ou houve incêndio? Uma vez ela teve certeza de que sentira o cheiro de fumaça) ecoou alto, e ordenaram que todos saíssem, ou ela mesma estava atrasada para um compromisso e precisou ir, ou talvez tivesse pegado no sono em seu assento perdendo assim o final, acordando atordoada quando as luzes acenderam e estranhos ao redor se levantaram para sair.

Fim, acabou? Mas como pode ter acabado?

Já mulher adulta, ela continuou a buscar o filme. Enfiando-se em cinemas de distritos sombrios da cidade, ou em uma cidade que desconhecia. Insone, poderia comprar ingresso para uma sessão da meia-noite. Poderia comprar ingresso para a primeira sessão do dia, no fim da manhã. Não estava fugindo da própria vida (apesar de sua vida ter se tornado desconcertante para ela, como a vida adulta faz àqueles que a vivem), mas sim abrindo parênteses gentis dentro daquela vida, parando o tempo como uma criança seguraria os ponteiros de um relógio: à força. Entrando no cinema escurecido (que às vezes cheirava a pipoca murcha, o creme capilar de estranhos, desinfetante), empolgada feito uma garotinha erguendo os olhos, ansiosa para ver na tela mais uma vez *Ah, mais! Só mais uma vez!* A linda

mulher loira que parece nunca envelhecer, encerrada em pele como qualquer mulher e ainda assim graciosa como mulher normal alguma poderia ser, um poderoso esplendor brilhando não apenas em seus olhos luminosos, mas em sua própria pele. *Pois minha pele é minha alma. Não há alma de outra forma. Você vê em mim a promessa de alegria humana.* Ela que se metia de fininho na sala de cinema, escolhendo uma fileira de assentos perto da tela, entrega-se sem questionar ao filme que é tanto familiar quanto desconhecido como um sonho recorrente que não deixa lembranças nítidas. Os trajes dos atores, os penteados, até o rosto e a voz das pessoas nos filmes mudam com os anos, e ela se lembra, não com clareza, mas em fragmentos, de suas próprias emoções perdidas, e da solidão de sua infância em parte acalmada pela tela iminente. *Outro mundo para se morar. Onde?* Houve um dia, uma hora, em que ela se deu conta de que a Princesa Cintilante, que é tão bela porque é tão bela e porque é a Princesa Cintilante, é amaldiçoada a buscar, nos olhos alheios, confirmação de sua própria existência. *Porque não somos aquilo que nos disserem que somos, se não nos disserem. Somos?*

Inquietação adulta e terror se aglutinando.

O enredo é complicado e confuso, apesar de familiar, ou quase familiar. Talvez a edição tenha sido desleixada. Talvez seja uma provocação. Talvez haja flashbacks misturados ao presente. Ou cenas do futuro! Os closes na Princesa Cintilante parecem íntimos demais. Queremos olhar os outros de fora, não ser sugados para dentro deles. *Se eu pudesse dizer, Ali! Sou eu! Aquela mulher, aquela coisa na tela, isso que eu sou.* Mas ela

não consegue enxergar depois do fim. Nunca viu a última cena, nunca chegou a ver os créditos finais rolando na tela. Nestes momentos, após o último beijo do filme, está a chave para o mistério do filme, ela sabe. Como os órgãos do corpo, removidos em uma autópsia, são a chave para o mistério da vida.

Mas chegará a hora, talvez esta noite mesmo, em que, levemente sem ar, ela se aninha em uma poltrona acolchoada, velha e suja na segunda fileira de um cinema antigo em um distrito acabado da cidade, o piso inclinado sob os pés como a curvatura da Terra e grudento nas solas de seus sapatos caros; e a audiência está espalhada, a maioria indivíduos solitários; e ela sente alívio de que, em seu disfarce (óculos escuros, uma peruca atraente, um sobretudo) ninguém a reconhecerá e que ninguém de sua vida sabe ou poderia imaginar onde ela está. Desta vez vou ver o filme até o final. Desta vez! Por quê? Ela não faz ideia. E, na verdade, há pessoas esperando por ela em outro lugar, ela está horas atrasada, possivelmente um carro foi agendado para levá-la ao aeroporto, a não ser que ela esteja dias atrasada, semanas; pois ela se tornou, quando adulta, alguém que desafia o tempo. Afinal, o que é o tempo além das expectativas dos outros sobre nós? Aquele jogo que podemos nos negar a jogar. E também, ela notou, a Princesa Cintilante fica confusa com o tempo. A história do filme a deixa confusa. Você vê suas deixas na atuação de outras pessoas. Mas e se elas não derem as deixas? Neste filme a Princesa Cintilante não está mais no primeiro desabrochar de sua beleza jovial, ainda assim, é óbvio que é linda, de pele clara e radiante na tela ao sair de um táxi em uma

rua ventosa; está disfarçada com óculos escuros, uma peruca morena lustrosa e um casaco impermeável fechado com um cinto, seguida de perto por uma câmera enquanto entra em um cinema e compra um único ingresso, adentra a sala escurecida e se senta na segunda fileira. Porque ela é a Princesa Cintilante, outros clientes olham de soslaio para ela, mas não a reconhecem; talvez seja uma mulher normal, apesar de linda, ninguém que conheçam. O filme começou. Ela se entrega em segundos, tirando os óculos escuros. Sua cabeça é lançada para trás pelo ângulo da tela bem em cima dela, seus olhos estão voltados para cima, em uma expressão maravilhada, infantil, uma admiração sutilmente apreensiva. Como reflexos na água, a luz do filme tremula sobre seu rosto. Perdida nesse êxtase, ela não percebe que o Príncipe Sombrio a seguiu cinema adentro; a câmera empoleirada nos ombros dele enquanto, por diversos minutos tensos, ele fica parado atrás das cortinas puídas de veludo em um corredor lateral. Seu rosto belo está ocultado pelas sombras. A expressão é urgente. Ele usa um terno escuro, sem gravata, um chapéu de feltro estilo Fedora caído sobre a testa. Com a deixa da música, ele entra depressa e se debruça sobre ela, a mulher solitária na segunda fileira. Ele sussurra para ela, que se vira, assustada. A surpresa parece genuína embora ela devesse conhecer o roteiro: o roteiro para este ponto, ao menos, e um pouco depois.

Meu amor! É você.

Nunca foi ninguém além de você.

Na luz brilhante refletida da tela gigantesca os rostos dos amantes estão carregados de sentido, arautos de uma era

perdida de grandeza. Como se, apesar de diminutos e mortais, eles devessem atuar até o fim da cena. *Eles atuarão até o fim da cena.* Com ousadia, ele a segura pela nuca para estabilizá-la. Para reivindicá-la. Para possuí-la. Como são fortes seus dedos, e gelados; que estranho, o brilho vítreo de seus olhos, mais perto do que ela jamais os vira.

Não obstante, mais uma vez, ela suspira e ergue o rosto perfeito para o beijo do Príncipe Sombrio.

O banho

É na primeira infância que o ator nato emerge, pois é na primeira infância que o mundo é percebido como Mistério pela primeira vez. A origem de toda a atuação é improvisação perante o Mistério.

— T. Navarro,
O paradoxo do atuar

1.

— *Está vendo?* Aquele homem é seu pai.

Houve um dia, era o sexto aniversário de Norma Jeane, o primeiro dia de junho de 1932, e que manhã mágica, uma manhã clara e ofuscante, de deixar tonto e tirar o fôlego em Venice Beach, na Califórnia. O vento do oceano Pacífico fresco e frio e adstringente, apenas levemente carregado daquele usual cheiro pútrido salgado do lixo da praia. E trazida, ao que parecia, por aquele mesmo vento vinha Mãe. Mãe de rosto esquelético com seus lábios voluptuosos vermelhos e sobrancelhas feitas e delineadas, que vinha buscar Norma Jeane na casa dos seus avôs, onde a menina estava morando, um edifício em ruínas de estuque bege em Venice Boulevard.

— Norma Jeane, vamos!

E Norma Jeane correu, correu para Mãe! A mãozinha rechonchuda pegou na mão magra da Mãe, a sensação da luva

de renda preta estranha e maravilhosa a ela. Pois as mãos de Vovó eram mãos desgastadas de senhora, assim como o cheiro de Vovó era um cheiro de senhora de idade, mas o cheiro de Mãe era tão doce que causava tontura, como provar um limão quente açucarado.

— Norma Jeane, meu amor... *Vamos.*

Afinal, Mãe era “Gladys”, e “Gladys” era a *mãe de verdade* da criança. Quando escolhia ser. Quando tinha força suficiente. Quando as demandas do Estúdio permitiam. Pois a vida de Gladys era “tridimensional, mas beirando uma quarta dimensão”, e não, “rasa igual a um tabuleiro de Ludo”, como a maioria das vidas. E diante da cara de reprovação agitada de Vovó Della, com triunfo Mãe levou Norma Jeane do apartamento no terceiro piso que fedia a cebola, sabão de lixívia e emplastro para joanete, e o tabaco do cachimbo de Vovô, ignorando o ultraje da velha como uma voz de rádio abertamente cômica:

— Gladys, de quem é o carro que você está dirigindo desta vez?

— Olhe para mim, garota: você está drogada? Você está *bêbada*?

— ... Quando você vai me devolver minha neta...?

— ... Ah, maldita! Esperem por mim, me esperem colocar os sapatos, estou descendo também! *Gladys!*

E Mãe respondia em sua voz soprano calmamente enlouquecedora:

— *Que será, será.*

E rindo como criancinhas arteiras sob perseguição, Mãe e Filha corriam escada abaixo como se descessem uma montanha, sem ar e de mãos dadas, e então rua! Liberdade! Rumo a Venice Boulevard e a empolgação do carro de Gladys, nunca um carro previsível, estacionado no meio-fio; e nesta manhã estonteante de tão brilhante no primeiro de junho de 1932 o carro mágico era, quando Norma Jeane olhou, sorrindo, um Nash de traseira proeminente da cor da água de lavar louça quando todo o sabão já se dissolveu, a janela do carona rachada como uma teia de aranha e remendada com fita adesiva. Ainda assim, que carro lindo, e como Gladys estava empolgada e jovem, ela que mal tocava em Norma Jeane agora a erguendo com as duas mãos enluvadas em redinhas para dentro do carro:

— Opa, meu amor! — como se a colocasse no assento da roda-gigante no píer de Santa Monica para levá-la, de olhos arregalados e empolgada, até o céu. E bateu a porta ao seu lado, com força. E se certificou de que estava trancada. (Afinal, havia um medo antigo, um medo da Mãe pela Filha, de que durante tais voos uma porta de carro pudesse abrir, como um alçapão em um filme mudo, e Filha se perder!) E entrando no assento do motorista atrás do volante como Lindbergh no cockpit do *Spirit of St. Louis*. E ligou o motor e mudou a marcha e seguiu a rua, mesmo com a pobre Vovó Della, uma mulher gorducha de rosto sarapintado em um roupão de algodão desbotado e meias de compressão para “sustentação” e sapatos de velha, vindo correndo pelo degrau da frente do edifício como Charlie Chaplin, o Carlitos, em aflição freneticamente cômica.

— Espera! Ah, espere aí! Mulher maluca! Drogada! Eu proíbo você! Vou chamar a *po*-lícia!

Mas não houve espera, ah, não.

Mal havia tempo para respirar!

— Ignore sua avó, querida. Ela é cinema mudo, e nós somos o falado.

Pois Gladys, que era a *mãe verdadeira* desta criança, não seria roubada de Amor Materno neste dia especial. Sentindo-se “mais forte, enfim” e com alguns dólares economizados, Gladys então viera atrás de Norma Jeane no aniversário da criança (o sexto? Já? Ah, meu Deus, que deprimente) como prometera que viria.

— Faça chuva ou faça sol, na saúde e na doença, até que a morte nos separe. Eu juro. — Nem uma ruptura na falha de San Andreas poderia dissuadir Gladys em um humor assim. — Você é minha. Você se parece comigo. Ninguém vai roubar você de mim, Norma Jeane, como minhas outras filhas.

Essas palavras triunfantes e terríveis que Norma Jeane não ouviu, não ouviu, não mesmo, levadas pelo vento forte.

Este dia, este aniversário, seria o primeiro de que Norma Jeane se lembraria com clareza. Este dia maravilhoso com Gladys que às vezes era Mãe, ou Mãe que às vezes era Gladys. Uma mulher em forma de pássaro, comprida e ligeira, de olhos penetrantes à espreita e um sorriso autodenominado “arreatador” e cotovelos que acertavam nas costelas quem se aproximasse demais. Exalava fumaça luminosa das narinas como as presas curvas de um elefante, e, por isso, ninguém ousava chamá-la por nome algum, acima de tudo não “Mama”

ou “Mamãe” — esses “apelidos fofos de vomitar” que Gladys havia proibido fazia tempo — ou até olhava para ela com intensidade demais e: — Não me olha assim, você! Nada de closes. A não ser que eu esteja preparada. — Em momentos assim, a irascível risada entrecortada soava como um furador de gelo perfurando blocos. Deste dia de revelação Norma Jeane se lembraria ao longo de seus 36 anos e 63 dias de vida, aos quais Gladys sobreviveria, da mesma forma que uma boneca-bebê se encaixa com perfeição em uma boneca maior engenhosamente oca para este propósito. *Se eu queria qualquer outra felicidade? Não, só estar com ela. Talvez ficar de conchinha e dormir na cama dela com ela, se ela deixasse. Eu a amava tanto.* Na verdade, havia evidência de que Norma Jeane estivera com a Mãe em outros aniversários, pelo menos no primeiro, apesar de ela não conseguir se lembrar exceto por fotos — FELIZ 1º ANIVERSÁRIO, BEBÊ NORMA JEANE! — um estandarte manuscrito pendurado como a faixa de uma miss na criança de olhos úmidos piscantes e rosto gorducho e fofinho em forma de lua, bochechas com covinhas, cabelo loiro-escuro encaracolado com fitas de cetim penduradas; esses retratos eram como sonhos antigos, fora de foco e craquelados, evidentemente, tirados por algum amigo homem; havia uma Gladys muito jovem e muito bonita apesar do ar febril, o cabelo enrolado em bobes e um cacho caído no rosto e lábios inchados como os de Clara Bow agarrando sua filha “Norma Jeane” de doze meses durinha em seu colo como quem segura um objeto precioso e quebrável, com admiração ou até prazer visível, com orgulho intenso ou até amor, a data rabiscada nos versos dessas várias fotos de 1º

de junho de 1927. Mas a Norma Jeane de 6 anos não tinha lembrança alguma dessa ocasião, assim como não tinha de nascer — querendo perguntar para Gladys ou Vovó, Como se nasce? É algo que o bebê faz sozinho? —, de sua mãe em uma ala reservada para a caridade no Los Angeles County General Hospital depois de 22 horas de “inferno sem fim” (como Gladys se referia àquela provação), ou de ser carregada dentro do “compartimento especial” sob o coração da mãe por oito meses, onze dias. Ela não conseguia se lembrar! Ainda assim, empolgada por ver essas fotos sempre que Gladys estivesse com humor para mostrá-las, estendidas por cima de qualquer edredom em qualquer cama de Gladys em qualquer “residência” de aluguel, ela nunca duvidou de que a criança na foto fosse ela *já que ao longo de toda a minha vida eu saberia de mim mesma através do testemunho e do chamado de outros. Como Jesus nos evangelhos, que só aparece pelo olhar, discurso e registro dos outros. Eu conheceria minha experiência e o valor dessa existência pelos olhos de outros, no quais eu achava que podia confiar como não confiava nos meus.*

Gladys espiava a filha, que ela não via fazia... bem, meses. Dizendo, ríspida:

— Não fique tão nervosa. Não aperte os olhos desse jeito como se eu fosse bater o carro. Assim vai acabar precisando usar óculos e aí já era para você. E não tente se remexer como uma cobrinha com vontade de fazer xixi. *Eu nunca ensinei manias tão ruins para você. Eu não pretendo bater este carro, se é isso que preocupa você, como sua avó velha ridícula. Eu prometo.* — Gladys lançando um olhar de esguelha para a

criança, repreensora porém sedutora, pois esse era o jeito de Gladys: ela empurrava para longe, ela puxava para perto; dizendo em uma voz mais baixa e rouca: — Olha só: Ma-mãe tem uma surpresa de aniversário para você. Esperando ali na frente.

— Uma su-surpresa?

Gladys fez biquinho, sugando as bochechas para dentro, sorrindo ao dirigir.

— O-onde estamos indo, M-mãe?

Felicidade tão aguda que se partia como vidro na boca de Norma Jeane.

Mesmo no clima quente e úmido, Gladys usava luvas estilosas de renda preta para proteger a pele sensível. Alegrementemente, batia as mãos enluvadas no volante.

— Onde estamos indo? Escute só você. Como se nunca tivesse pisado antes na residência de sua mãe em Hollywood.

Norma Jeane sorriu, confusa. Tentando pensar. Tinha pisado? A implicação parecia ser de que Norma Jeane havia esquecido de algo essencial, que isso era uma espécie de traição, uma decepção. Ainda assim, parecia que Gladys se mudava com frequência. Às vezes, ela informava Della, outras vezes, não. Sua vida era complicada e misteriosa. Havia problemas com locatários e inquilinos; havia problemas de “dinheiro” e problemas de “manutenção”. No inverno anterior, um terremoto breve e violento na área de Hollywood em que Gladys morava a deixara sem lar por duas semanas, forçada a se abrigar com amigos e a ficar totalmente sem contato com Della. No entanto, Gladys sempre morou em Hollywood. Ou West

Hollywood. Seu trabalho no Estúdio exigia isso. Porque ela era uma “funcionária contratada” do Estúdio (esse Estúdio era a maior produtora em Hollywood, e portanto, no mundo, ostentando mais estrelas “do que as constelações”), sua vida não pertencia a *ela*, “assim como as freiras católicas são ‘casadas com Jesus’”. Gladys tinha que *deixar* a filha *com outra pessoa*, desde que Norma Jeane tinha apenas doze dias de vida, na maior parte do tempo com a avó da criança, por cinco dólares por semana além de gastos, era uma vida desgraçadamente difícil, era cansativa, era *triste*, mas que escolha Gladys tinha, trabalhando tantas horas no Estúdio, às vezes, em dois turnos, sempre a uma “convocação” à distância do chefe: como poderia suportar os cuidados e o fardo de uma criança pequena?

— Desafio qualquer um a me julgar. A não ser que ele esteja vivendo minha vida por mim. Ou *ela*. Sim, *ela*!

Gladys falava com veemência misteriosa. Poderia ter sido de sua própria mãe, Della, com quem estava discutindo.

Quando brigavam, Della falava que Gladys era “esquentadinha” — ou será que era “viciadinha”? — e Gladys protestava dizendo que isso era pura mentira, calúnia; ora, ela nunca tinha sequer sentido o cheiro de maconha, muito menos fumado.

— E isso vale para o ópio! Nunca!

Della ouvira histórias demais, malucas e infundadas, sobre as pessoas na indústria do cinema. Era verdade, Gladys às vezes ficava empolgada. *Fogo queimando dentro de mim! Lindo*. Era verdade, em outros momentos ela ficava suscetível a “uma tristeza”, “para baixo”, “no fundo do poço”. *Como se minha*

alma fosse chumbo fundido, que transbordou e endureceu. Ainda assim, Gladys era uma mulher bonita, e Gladys tinha muitas amizades. Amizades com homens. Que complicavam sua vida emocional.

— Se os rapazes me deixassem em paz, “Gladys” ficaria bem.
— Mas eles não deixavam, então Gladys precisava se medicar com regularidade. Drogas prescritas ou talvez fornecidas pelos rapazes. Admitia que, vivia usando aspirina Bayer e tinha desenvolvido uma tolerância alta, dissolvendo comprimidos em café preto, como pequenos cubos de açúcar.

— Não tem gosto de nada!

Nesta manhã, Norma Jeane viu de imediato que Gladys estava “para cima”: distraída, inflamada, engraçada, imprevisível como a chama de uma vela bruxuleando no ar agitado. A pele branca como cera projetava ondas de calor como uma calçada sob o sol de verão, e seus olhos! — provocantes e dilatados, piscando devagar. *Aqueles olhos que eu amava. Não aguentava olhá-los.* Gladys dirigia rápido e distraída. Estar em um carro com Gladys era como estar em um carrinho de bate-bate no parquinho, era preciso segurar firme. Rumavam para o interior, para longe de Venice Beach e do oceano. Seguindo para o norte no Boulevard para La Cienega, e, enfim, para Sunset Boulevard, que Norma Jeane reconhecia das outras viagens de carro com a mãe. Como o Nash corcunda fazia som de chocalho enquanto acelerava, incitado pelo pé inquieto de Gladys no acelerador. Passava chiando pelos trilhos de bonde, freava no último segundo para semáforos, o que Norma Jeane ranger os dentes, mesmo rindo de nervoso. Às

vezes, o carro de Gladys derrapava no meio de um cruzamento como em uma cena de filme com buzinas, gritos e punhos erguidos de outros motoristas; a não ser que fossem homens, sozinhos no carro, nesse caso os sinais eram mais amistosos. Mais do que uma vez, Gladys ignorou o apito de um guarda de trânsito e escapou.

— Viu, eu não fiz nada de errado! Eu me recuso a ser intimidada por desaforados.

Della gostava de reclamar em seu jeito bravo-cômico que Gladys tinha “perdido” a carteira de motorista, o que queria dizer... o quê? Tinha perdido, do jeito que as pessoas perdiam coisas? Colocado no lugar errado? Ou um dos policiais tinha tirado dela, para puni-la, quando Norma Jeane não estava por perto?

Uma coisa Norma Jeane sabia: não ousaria perguntar a Gladys.

Saindo de Sunset elas entraram em uma rua lateral, e então em outra, e enfim, em La Mesa, uma rua estreita e decepcionante de pequenos negócios, restaurantes, bares de “drinques” e edifícios residenciais; Gladys explicou que ali era a sua “nova vizinhança, ainda estou descobrindo as coisas, mas me sinto tão *bem-vinda*.” Gladys explicou que o Estúdio ficava “a apenas seis minutos de carro”. Havia “motivos pessoais” para morar ali também, complicados demais para explicar. Mas Norma Jean logo veria.

— É parte da sua surpresa. — Gladys estacionou na frente de um edifício de estuque estilo espanhol barato, com toldos verdes caindo aos pedaços e escadas de incêndio desfigurando a

fachada. LA HACIENDA. QUARTOS E QUITINETES PARA ALUGUEL MENSAL E SEMANAL. INFORME-SE AQUI. O número do prédio era 387. Norma Jeane encarou, memorizando o que via; ela era uma câmara tirando fotos; um dia poderia se perder e ter que encontrar o caminho de volta para este lugar que nunca tinha visto até então, mas com Gladys momentos assim eram urgentes, altamente eletrificados e misteriosos, para fazer o pulso acelerar com força, como se dopado. *Era como anfetamina, aquela carga. Como se ao longo da vida eu fosse buscar isso. Atravessando como uma sonâmbula para fora da própria vida de volta a La Mesa para a Hacienda assim como o lugar na avenida Highland onde eu era uma criança de novo, sob seu cuidado de novo, sob seu feitiço de novo, e o pesadelo ainda não havia acontecido*

Gladys viu no rosto de Norma Jeane o olhar que a própria Norma Jeane não conseguia ver, e riu:

— Aniversariante! Só se faz 6 anos uma vez na vida. Talvez nem viva o suficiente para fazer 7 anos, boba. Vamos *lá*.

A mão de Norma Jeane estava tão suada que Gladys se recusou a pegá-la; estimulando, em vez disso, com o punho enluvado, a filha a seguir em frente, com delicadeza, é claro, direcionando-a de brincadeira para subir os degraus externos levemente despedaçados da Hacienda até chegar ao forno lá dentro, um lance de escadas cobertas e linóleo arenoso e:

— Tem alguém nos esperando, e temo que ele esteja ficando impaciente. Vamos *lá*. — Elas se apressaram. Elas correram. Galoparam escada acima. Gladys em seus saltos glamourosos, subitamente em pânico — ou ela estava brincando de estar em

pânico? Seria uma de suas *ceνας*? Já no andar de cima, tanto mãe quanto filha arfavam. Gladys destrancou a porta de sua “residência”, que acabou não sendo muito diferente da residência anterior, da qual Norma Jeane tinha vaga lembrança. Eram três ambientes apertados, com papel de parede e teto cheio de manchas, janelas estreitas, assoalho com folhas soltas de linóleo, chão quase nu exceto por um par esfarrapado de tapetes mexicanos, um refrigerador vazando e fedendo, uma chapa elétrica de duas bocas e pratos na pia e um aglomerado de baratas pretas reluzentes como sementes de melancia fugindo ruidosamente enquanto elas se aproximavam. Grudados às paredes da cozinha havia pôsteres de filmes dos quais Gladys tinha orgulho de ter participado — *Kiki*, com Mary Pickford, *Nada de novo no front*, com Lew Ayres, *Luzes da cidade*, com Charlie Chaplin, aqueles olhos sentimentais que Norma Jeane poderia olhar sem parar, convencida de que Chaplin *a* via. Não era claro o que Gladys tinha a ver com esses filmes famosos, mas Norma Jeane se maravilhava com o rosto dos atores. *Este é meu lar. Deste lugar eu me lembro.* Familiar também era o calor do apartamento sem ventilação, pois Gladys não acreditava em deixar janelas abertas, nem uma fresta, quando saía, o odor pungente de comida, grãos de café, cinzas de cigarro, queimado, perfume e aquele misterioso odor químico acre que Gladys nunca conseguia eliminar totalmente mesmo se esfregasse, esfregasse, esfregasse as mãos com um sabonete antisséptico e as deixasse sangrando em carne viva. Ainda assim, esses odores eram reconfortantes para Norma Jeane pois *significavam casa. Onde Mãe estava.*

Mas este apartamento novo! Era mais abarrotado e desorganizado e estranho a ela que os anteriores. Ou será que Norma Jeane estava mais velha e conseguia *enxergar* melhor? Logo ao entrar, havia aquele terrível intervalo entre o primeiro tremor da Terra e o segundo, mais poderoso, que seria inconfundível e inegável. Você esperava, sem ousar respirar. Havia muitas caixas abertas, mas ainda cheias, com carimbos de PROPRIEDADE DO ESTÚDIO. Havia pilhas de roupas na bancada da cozinha e algumas penduradas por cabides em uma arara improvisada que adentrava a cozinha, então à primeira vista parecia haver gente amontoadada na cozinha, mulheres em “figurinos” — Norma Jeane sabia o que eram “figurinos”, que eram diferentes de “roupas”, embora não conseguisse explicar a distinção. Alguns desses figurinos eram chamativos e glamourosos, vestidos de melindrosa, delicados, de alcinhas, com saias curtas. Alguns eram mais sombrios, com mangas longas se arrastando. Calcinhas e sutiãs e meias-calças secavam no varal, penduradas com cuidado. Gladys observava Norma Jeane olhando boquiaberta as roupas estendidas, e riu da expressão confusa da criança:

— O que houve? Não gosta? E a Della? Ela mandou você para me *espionar*? Vamos lá... Ali dentro. Por aqui. *Vamos lá.*

Com o cotovelo ossudo, ela empurrou Norma Jeane para o recinto ao lado, um quarto. Era pequeno, manchas feias de infiltração no teto e nas paredes, uma única janela e uma cortina parcialmente fechada, rachada e manchada. E havia a cama familiar com sua cabeceira de latão brilhante, mesmo que levemente manchado, e travesseiros de pena de ganso, uma

cômoda de madeira de pinho, uma mesa de cabeceira lotada de frascos de comprimidos, revistas e livros de bolso, um cinzeiro transbordando sobre uma cópia do *Hollywood Tatler*; mais roupas jogadas, e no piso mais caixas abertas e cheias; e na parede ao lado da cama uma foto grande e extravagante de Marie Dressler usando um vestido branco diáfano em cena no filme *The Hollywood Revue* de 1929. Gladys estava empolgada, respirando rápido e observando Norma Jeane olhar com ansiedade para os lados — pois onde estava a tal pessoa “surpresa”? Escondida? Embaixo da cama? Dentro do closet? (Não havia um closet, só um guarda-roupas de compensado contra a parede). Uma mosca solitária zuniu. Através da única janela do quarto se via apenas a parede vazia manchada do edifício adjacente. Norma Jeane se perguntava *Onde? Quem é?* Mesmo com Gladys a empurrando de leve entre as escápulas, censurando:

— Norma Jeane, eu juro que você é meio cega às vezes, assim como é... bem, meio *burra*. Não consegue *ver*? Abrir os olhos e *ver*? Este homem é seu pai.

E então Norma Jeane viu para onde Gladys apontava.

Não era um homem. Era uma foto de um homem, pendurada na parede ao lado do espelho da cômoda.

2.

Em meu sexto aniversário vendo seu rosto pela primeira vez.

E sem saber antes daquele dia — eu tinha um pai! Um pai como as outras crianças.

Sempre pensando que a ausência tinha algo a ver comigo. Algo de errado, algo ruim, em mim.

Ninguém tinha me contado antes? Minha mãe não, minha avó ou avô também não. Ninguém.

Mesmo assim nunca olhando para seu rosto de fato, na vida. E eu morreria na frente dele.

3.

— Ele *não* é lindo, Norma Jeane? Seu pai.

A voz de Gladys, que às vezes era rasa, monótona, sutilmente jocosa, estava empolgada como a de uma garotinha.

Norma Jeane encarou sem palavras seu suposto pai. O homem na foto. O homem na parede ao lado do espelho na cômoda. *Pai?* Sentia o corpo quente e trêmulo como um dedo cortado.

— Aqui. Mas não... Não toque com os dedos grudentos.

Com um floreio, Gladys removeu a foto emoldurada da parede. Era uma foto real, Norma Jeane conseguia ver, brilhante, não algo impresso como os pôsteres publicitários ou uma página rasgada de revista.

Gladys segurou a foto com as mãos glamorosamente enluvadas, diante dos olhos de Norma Jeane, mas longe do alcance dela. Como se em um momento com esse Norma Jeane desejasse tocar naquilo...! Ainda mais sabendo bem, por experiência própria, que não deveria tocar nas coisas especiais para Gladys.

— Ele... ele é meu p-pai?

— Com certeza é. Você tem os olhos azuis sensuais dele.

— Mas... onde é que...

— Shh! *Olhe.*

Era uma cena de filme. Quase, Norma Jeane conseguia ouvir a música tocando com animação.

Por quanto tempo, então, a mãe e a filha ficaram ali observando! Em silêncio reverente contemplando o homem-na-foto-emoldurada, o homem-na-foto, o homem-que-era-o-pai-de-Norma-Jeane, o homem sombriamente belo, o homem de cabelos lisos e sedosos, penteados com gel para o lado, o homem com um bigodinho muito fino, o homem com pálpebras pálidas e astutas quase imperceptivelmente caídas. O homem com lábios carnudos quase-sorrindo, o homem cujo olhar timidamente se recusava a encarar alguém, o homem com um queixo protuberante e um orgulhoso nariz adunco e uma entrada na bochecha esquerda que poderia ser uma covinha, como a de Norma Jeane. Ou uma cicatriz.

Ele era mais velho que Gladys, mas não muito. Trinta e poucos anos. Tinha rosto de ator, certa segurança posada. Usava um chapéu fedora inclinado em um ângulo charmoso na cabeça erguida com orgulho, e vestia camisa branca de gola ligeiramente extravagante, como se fosse um figurino de filme de outros tempos. O homem parecia a Norma Jeane que estava prestes a falar — ainda que não. *Se esforçando muito para ouvir. Era como se eu tivesse ensurdecido.*

Os batimentos de Norma Jeane estavam tão acelerados, asas de um beija-flor. E barulhentos, preenchendo o quarto. Mas Gladys não notou e não a repreendeu. Em sua exaltação

encarava com ganância o homem-na-foto. Dizendo, em uma voz apressada e estática como de uma cantora:

— *Seu pai*. O nome é um nome lindo e importante, mas é um nome que não posso dizer. Nem mesmo Della sabe. Della pode achar que sabe... mas não sabe. *E Della não deve saber*. Nem mesmo que você viu isso. Tem complicações na vida de nós dois, entenda. Quando você nasceu, seu pai estava longe; mesmo agora ele está muito longe e eu me preocupo com sua segurança. Ele é um homem com sede de viagens, que em outra época teria sido um guerreiro. Na verdade, ele arriscou a vida na causa pela democracia. Em nossos corações, ele e eu estamos casados... somos marido e mulher. Mas detestamos as convenções e nunca cederíamos a isso. “Eu amo você e nossa filha, e um dia voltarei a Los Angeles para ter vocês para mim”, assim seu pai prometeu, Norma Jeane. Prometeu a nós duas. — Gladys pausou, umedecendo os lábios.

Embora falasse com Norma Jeane, encarava a foto da qual quase parecia sair uma lasca de luz e mal percebia a criança ali. Sua pele estava quente e pegajosa e seus lábios pareciam inchados, como se feridos sob o batom de um vermelho intenso; as mãos em luvas de renda tremiam de leve. Norma Jeane se lembraria de tentar se concentrar nas palavras da mãe apesar do rugido em seus ouvidos e da sensação de enjoo e empolgação nas profundezas da barriga, como se tivesse que ir ao banheiro com urgência, mas não ousasse falar ou sequer se mover e:

— Seu pai era contratado do Estúdio quando nos conhecemos... Oito anos atrás, no dia seguinte ao Domingo de

Ramos; sempre vou me lembrar...! E ele era um dos jovens atores mais promissores, mas... bem, apesar de todo seu talento natural e presença na tela... um “segundo Valentino”, como disse o sr. Thalberg em pessoa... Ele era muito pouco disciplinado, impaciente demais e mandava tudo para o inferno com frequência demais para ser um ator de cinema. Não é só uma questão de aparência, estilo e personalidade, Norma Jeane, a pessoa tem que ser obediente também. Deve ser humilde. Deve engolir o orgulho e trabalhar como um cão. Isso é mais fácil para as mulheres. *Eu* também já tive meu contrato... por um tempo. Quando era uma jovem atriz. Eu me transferi para outro departamento... voluntariamente! Porque vi que não era para ser. *Ele* era rebelde, é claro. Foi substituto para acertos de câmera do Chester Morris e Donald Reed, foi *stand-in* por um tempo. Mais cedo ou mais tarde foi embora. “Entre minha alma e minha carreira, eu escolho... minha alma”, disse ele.

Em sua empolgação Gladys começou a tossir. Tossindo, parecia exalar um cheiro mais forte de perfume, misturado com aquele odor químico de limão azedo que parecia absorvido pela pele.

Norma Jeane perguntou onde estava seu pai.

Gladys respondeu com irritação:

— Longe, boba. *Acabei de falar.*

O humor de Gladys havia mudado. Acontecia muito. A trilha do filme também mudou de súbito. Estava entrecortada agora, como ondas duras e dolorosas jogadas na praia onde Della, com falta de ar pela “pressão alta” e xingando, caminhava com Norma Jeane na areia dura em nome do “exercício”.

Eu nunca teria perguntado por quê. Por que não haviam me contado até então.

Por que me contaram naquele momento.

Gladys pendurou a foto na parede de volta. Mas o prego afundara no reboco de gesso e não estava tão estável quanto antes. A mosca solitária continuava zunindo, atirando-se diversas vezes, mas sem perder as esperanças, contra um vidro da janela. Gladys observou, misteriosa:

— Aqui está a mosca desgraçada “zumbiu quando morri.” — Era o jeito de Gladys falar, com frequência de forma enigmática na presença de Norma Jeane, apesar de não necessariamente para Norma Jeane. Norma Jeane estava mais para uma testemunha, uma observadora privilegiada como o olhar da audiência do cinema que os protagonistas, no filme, fingem não saber, ou de fato não sabem. Quando o prego entrou, e parecia não estar mais prestes a cair, custou um pouco de tempo para garantir que o quadro estivesse na posição correta. Em tais questões domésticas Gladys era uma perfeccionista, xingando Norma Jeane se ela deixasse toalhas penduradas tortas ou livros mal alinhados nas estantes. Quando o homem-na-foto estava com segurança de volta à parede ao lado do espelho da cômoda, Gladys deu um passo para trás, relaxando só um pouco. Norma Jeane continuou a encarar a foto, petrificada, e: — Então, seu pai. Mas é nosso segredo, Norma Jeane. Você só precisa saber que ele está longe... por enquanto. Mas vai voltar para Los Angeles um dia logo. *Ele prometeu.*

Podariam dizer que fui infeliz quando criança, que minha infância foi de desespero, mas me deixe esclarecer que nunca fui infeliz. Desde que tivesse minha mãe, nunca estive infeliz, e um dia houve meu pai, também, para amar.

E havia Vovó Della! A mãe da *mãe* de Norma Jeane.

Uma mulher robusta de pele morena com sobrancelhas grossas como escovas e um leve esboço de bigode. Della tinha um jeito de ficar sob o batente da porta no degrau da frente de seu edifício, mãos na cintura como um jarro de alças duplas. Donos de lojas temiam seus olhos atentos e língua sarcástica. Ela era fã de William S. Hart, o caubói de tiro certo, e de Charlie Chaplin, o gênio do mimetismo, e se gabava de ser “do bom rebanho de pioneiros americanos”, nascida no Kansas, mudou-se para Nevada, então para o sul da Califórnia, onde conheceu e se casou com seu marido, pai de Gladys, que levou gás mostarda, como Della dizia com censura, na Ofensiva Argonne, em 1918.

— Pelo menos, está vivo. É para se agradecer ao governo dos Estados Unidos, não é?

Sim, havia um Vovô Monroe, marido de Della. Ele morava com elas no apartamento, e Norma Jeane foi informada de que ele não gostava dela, mas de alguma forma Vovô não estava *ali*. Quando perguntava sobre ele, a resposta de Della era um dar de ombros e o comentário:

— Ao menos, está vivo.

Vovó Della! Uma “personagem” da vizinhança.

Vovó Della era a fonte de tudo que Norma Jeane sabia, ou imaginava saber, de Gladys.

O fato primordial de Gladys era o mistério primordial de Gladys: ela não poderia ser uma *mãe verdadeira* para Norma Jeane. Não no *momento*.

Por que não?

— Só não venham me culpar, nenhuma das duas — disse Gladys, acendendo um cigarro, agitada. — Deus já me puniu o suficiente.

Puniu? Como?

Se Norma Jeane ousasse fazer uma pergunta assim, Gladys daria uma piscadela para ela, com seus belos olhos azuis injetados, em que uma camada de umidade brilhava continuamente e:

— Só nem tente *você*. Depois de tudo que Deus fez. Entendido?

Norma Jeane sorriu. Sorrir não era dizer que você entendia, mas que tudo bem não entender.

Apesar de que: parecia ser de conhecimento geral que Gladys tivera “outras garotinhas” — “duas garotinhas” — antes de Norma Jeane. Mas para onde tinham ido essas irmãs desaparecidas?

— Só não venham me culpar, nenhuma das duas, *maldição dos infernos*.

Parecia ser um fato que Gladys, apesar da aparência muito jovem aos 31 anos, já fora a esposa de dois maridos.

Era um fato, que a própria Gladys reconhecia com animação, tal qual uma personagem de cinema com manias ou tiques cômicos, que seu sobrenome mudava com frequência.

Della contou a história, era uma das suas histórias de mãe ofendida, de como Gladys tinha nascido e sido batizada como Gladys Pearl Monroe em Hawthorne, no município de Los Angeles, em 1902. Aos 17 anos, casara-se (contra a vontade de Della) com um homem chamado Baker, tornando-se a sra. Gladys Baker, mas (é claro!) aquilo não deu certo nem por um ano, eles se divorciaram e ela se casou com o “guardinha qualquer, que só conferia se você pagou o estacionamento na rua, o Mortensen” (o pai das duas irmãs mais velhas desaparecidas?), mas aquilo não deu certo (é claro!), e Mortensen deu o fora da vida de Gladys, e já foi tarde. Exceto que: o nome de Gladys continuou Mortensen em certos documentos que ela não mudara, nem mudaria, já que qualquer coisa que tinha a ver com registros, questões legais, a apavorava. Mortensen não era o pai de Norma Jeane, é claro, mas Mortensen era o nome de Gladys na época do nascimento de Norma Jeane. Ainda assim — e esse era um fato que enfurecia Della, de tão perverso —, o sobrenome de Norma Jeane era oficialmente Baker, não Mortensen.

— Sabe por quê? — Della poderia perguntar ao vizinho ou a quem quer que pudesse estar ouvindo tamanha loucura. — Porque Baker era o que minha filha maluca “odiava menos”. — Della continuava, irritando-se genuinamente: — *Eu* passo noites em claro com pena dessa pobre criança, toda confusa com quem deveria ser. *Eu* deveria adotar a criança e dar meu próprio nome que é um bom nome sem contaminação alguma... “Monroe”.

— Ninguém vai adotar minha garotinha — disse Gladys, com veemência — enquanto eu estiver viva para evitar.

Viva. Norma Jeane sabia como era importante, permanecer viva.

Então aconteceu que Norma Jeane Baker virou o nome legal de Norma Jeane. Aos sete meses, ela fora batizada pela renomada pastora evangélica Aimee Semple McPherson em seu Templo Angelus da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (a que, na época, Della pertencia), e este permaneceria seu nome até o momento em que seria mudado por um homem, um homem que adquirisse Norma Jeane como “esposa”, e mais cedo ou mais tarde, o nome completo também seria mudado por uma decisão masculina. *Eu fiz o que pediram de mim. O que pediram de mim foi que eu permanecesse viva.*

Eu um momento raro de intimidade maternal, Gladys informou a Norma Jeane que seu nome era um dos especiais:

— “Norma” é pela excelente Norma Talmadge, e Jeane é... quem mais? Harlow. — Esses nomes não significavam coisa alguma para a criança, mas ela via como Gladys estremecia com os meros sons. — Você, Norma Jeane, vai combinar as duas, entende? Em seu próprio destino especial.

5.

— Então, Norma Jeane! Agora você já sabe.

Era uma sabedoria cegante como o sol. Profunda como a marca de um tapa das costas da mão. A boca de batom vermelho de Gladys, que sorria tão raramente, sorria agora. Sua respiração vinha rápida como se ela tivesse corrido.

— Você viu *o rosto dele*. Seu verdadeiro pai, cujo sobrenome não é Baker. Mas você nunca pode contar isso para ninguém, está ouvindo? Nem mesmo Della.

— S-sim, Mãe.

Entre as sobrancelhas finas desenhadas de Gladys, uma ruga profunda surgiu.

— Norma Jeane, *como se diz?*

— Sim, Mãe.

— *Agora sim!*

A gagueira ainda estava dentro de Norma Jeane. Mas tinha mudado de sua língua para seu coração disparado, onde passaria despercebida.

Na cozinha Gladys tirou uma de suas luvas glamourosas de renda, e ela a lançou no pescoço de Norma Jeane, como uma se fazendo cosquinhas.

Aquele dia! Uma névoa de felicidade como uma bruma quente úmida pairando sobre as planícies da cidade. Felicidade em cada respiração. Gladys murmurava:

— Feliz aniversário, Norma Jeane!

E:

— Eu não falei para você, Norma Jeane, que este é seu *dia especial?*

O telefone tocou. Mas Gladys, sorrindo consigo mesma, não o atendeu.

As venezianas nas janelas estavam cuidadosamente fechadas no peitoril. Gladys falava de vizinhos “enxeridos”

Gladys havia removido a luva esquerda, mas não a direita. Ela parecia haver esquecido a luva direita. Norma Jeane notou

que a pele levemente avermelhada na mão esquerda tinha pequenas marcas em formato de losango feitas pela luva de redinha apertada. Gladys usava um vestido de crepe cor de vinho com cintura marcada, gola alta, e uma saia cheia que fazia um farfalhar abafado quando ela se movia. Era um vestido que Norma Jeane não tinha visto antes.

Cada momento era investido de muito significado. Cada momento, como cada batimento cardíaco, era um sinal de aviso.

Na mesa na alcova na cozinha, Gladys serviu suco de uva para Norma Jeane e uma “água medicada” de cheiro forte para si mesma em xícaras de café lascadas. A surpresa era um bolo de aniversário para Norma Jeane! Cobertura de chantilly de baunilha, seis velinhas de cera cor-de-rosa e, escrito em cobertura de calda:

FELIZ ANIVESÁRIO
NORMAJEAN

A visão do bolo, seu cheiro maravilhoso, encheram a boca de Norma Jeane de água. Apesar de Gladys estar fumegando.

— Aquele padeiro desgraçado maconheiro, escrevendo “aniversário” errado, e seu nome... *Eu falei para ele.*

Com um pouco de dificuldade, as mãos trêmulas, apesar de talvez o recinto estar vibrando, ou o estrato da terra muito abaixo delas (na Califórnia você nunca sabe o que é “real” ou o que é “só você”), Gladys conseguiu acender as seis velinhas. Era a tarefa de Norma Jeane soprar as chamas pálidas que tremulavam nervosamente.

— E agora você tem que fazer um pedido, Norma Jeane — disse Gladys, com ansiedade, inclinando-se para a frente, quase tocando no rosto quente da filha. — Um pedido para você-sabe-quem voltar para nós logo. Vamos lá! — Então Norma Jeane, fechando os olhos, fez o pedido e assoprou todas as velas exceto por uma em um único sopro. Gladys assoprou a que restara e disse: — Agora pronto. Praticamente uma oração. — Gladys demorou um instante para revirar uma gaveta e achar uma faca adequada para cortar bolo; por fim encontrou uma “faca de açougueiro, mas não precisa ter medo!” e a lâmina brilhante da faca afiada reluziu como o sol em dia de ressaca em Venice Beach, um sol que fere os olhos, mas que ainda assim é impossível parar de olhar, só que Gladys não fez nada com a faca exceto afundá-la no bolo, a testa franzida de tanta concentração, a mão esquerda sem luva dando apoio à direita, com luva, para cortar fatias grandes para ambas; o bolo estava levemente úmido e grudento no centro e as fatias caíam pelas beiradas dos pires que Gladys usava como prato. *Tão gostoso! Aquele bolo estava tão gostoso. Fique sabendo que nunca na vida provei um bolo tão gostoso.* Mãe e filha comeram famintas; para ambas, isso era café da manhã, e já passava do meio-dia.

— E agora, Norma Jeane: seus presentes.

Outra vez o telefone começou a tocar. E Gladys, com um sorriso radiante, não pareceu ouvir. Ela estava explicando que não tivera tempo de embrulhar apropriadamente os presentes de Norma Jeane. O primeiro era um suéter cor-de-rosa de uma lã leve de algodão em crochê, rosinhas bordadas em vez de botões, um suéter para uma criança mais jovem talvez já que

estava apertado em Norma Jeane que era pequena para a idade, mas Gladys, que exclamava sobre o suéter, não parecia notar:

— Não ficou uma graça? Você é uma princesinha. — Em seguida, peças de roupa menores, meias de algodão branco, roupas íntimas (ainda com a etiqueta de preços da loja de tudo por dez centavos). Fazia muitos meses desde a última vez que Gladys providenciara tais necessidades para a filha; Gladys também estava atrasada diversas semanas em seus pagamentos para Della, então Norma Jeane se empolgou ao pensar que Della ficaria contente com isso. Norma Jeane agradeceu à mãe, e Gladys disse com um estalar de dedos: — Ah, isso é só o começo. *Venha*. — Com um ar dramático Gladys levou Norma Jeane para os fundos do quarto, onde o belo homem-na-foto estava pendurado com proeminência na parede, e, de brincadeira, abriu a gaveta do topo da cômoda e: — *Presto*, Norma Jeane! Uma coisa para *você*.

Uma boneca?

Norma Jeane ficou na ponta dos pés, ansiosa, levantando a boneca sem jeito, uma boneca de cabelos dourados, uma boneca com redondos olhos azuis de vidro e uma boca em formato de botão de rosa, enquanto Gladys dizia:

— Você lembra, Norma Jeane, quem costumava dormir aqui... nesta gaveta? — Norma Jeane balançou a cabeça, não, e a mãe: — Não neste apartamento, mas nesta gaveta. *Esta* mesma gaveta. Você não se lembra de quem costumava dormir aqui? — De novo, Norma Jeane balançou a cabeça. Ela estava ficando inquieta. Gladys a encarava com tanta intensidade, olhos tão arregalados como se imitasse a boneca, exceto que os

olhos de Gladys eram de um azul pálido, desbotado, e seu lábios eram vermelhos. Gladys disse, rindo: — *Você. Você, Norma Jeane. Você costumava dormir nesta mesma gaveta! Eu era tão pobre na época que nem consegui comprar um berço. Mas esta gaveta era seu berço quando você era bem pequenininha; era bom o suficiente para nós, não era?* — Havia uma pontada gelada na voz de Gladys. Se houvesse trilha sonora nesta cena, seria um staccato. Norma Jeane balançou a cabeça, não, um olhar sombrio sobre seu rosto, os olhos nublados com uma não lembrança, um não lembrarei, como se não se lembrasse de usar fraldas, ou de como tinha sido difícil para Della e Gladys ensinarem-na a “usar o vaso”. Se ela tivesse tempo de examinar a gaveta superior na cômoda de madeira de pinho *e como a gaveta poderia ser empurrada para fechar em uma só batida*, teria sentido uma náusea, aquele frio na barriga que ela sentia no topo de um lance de escadas ou olhando para fora de uma janela alta ou correndo perto demais da beira d’água quando uma onda alta quebrava, pois como poderia ela, uma garota grande de 6 anos, um dia ter cabido em um lugar tão pequeno? — *e será que alguém havia fechado a gaveta em um empurrão, para sufocar seus choros?* — mas Norma Jeane não tinha tempo para pensar pensamentos assim pois ali estava sua boneca de aniversário em seus braços, a boneca mais linda que já tinha visto de perto, tão linda quanto a Bela Adormecida em um livro ilustrado, cachos dourados na altura dos ombros, tão sedosos quanto cabelos de verdade, mais lindo que as ondas castanho-claras de Norma Jeane e totalmente diferentes do cabelo sintético da maioria das bonecas. A boneca usava uma

touquinha de renda para dormir e uma camisola de flanela com estampa florida, e a pele era macia como borracha, suave, perfeita, e os dedinhos tinham formato perfeito! E os pezinhos em botinhas de algodão branco amarradas com fitas cor-de-rosa! Norma Jeane dava gritinhos de empolgação e teria abraçado a mãe para agradecê-la, mas Gladys ficou tensa, foi um gesto sutil mas claro o suficiente para que a criança soubesse que não deveria tocá-la. Gladys acendeu um cigarro e exalou a fumaça com luxo; a marca era Chesterfields, que era marca de Della (apesar de Della achar que fumar era um hábito sujo e fraco que ela estava determinada a superar), dizendo, em um tom brincalhão: — Passei por muita coisa para conseguir esta boneca para você, Norma Jeane. Agora espero que você assuma a responsabilidade pela boneca. — *A responsabilidade pela boneca* pairou estranhamente no ar.

Como Norma Jeane amaria sua boneca bebê loira! Um dos grandes amores de sua infância.

Exceto que: deixavam-na apreensiva os braços e as pernas da boneca tão claramente sem ossos, soltos, molengos, que poderiam girar em qualquer ângulo estranho. Se ela deitasse a boneca de barriga para cima, os pés simplesmente *despencavam*.

— Mãe — disse Norma Jeane —, q-qual é o nome dela?

Gladys achou uma garrafa de aspirina, chacoalhou diversas vezes, e engoliu os comprimidos a seco. Falando em sua voz emproada de Harlow, e com um movimento gracioso das sobrelhas riscadas:

— Esta decisão é sua, garotinha. A boneca é *sua*.

Como Norma Jeane tentou pensar no nome da boneca. Tentou muito; mas era como gaguejar dentro da própria cabeça: não conseguia pensar em nome algum. Chupando o dedo, começou a se preocupar. Nomes são importantes...! Se não tiver um nome para uma pessoa, não conseguirá pensar nela, e ela deve ter um nome para você, ou... onde você *estaria*?

— Mãe — choramingou Norma Jeane —, qual o nome da bo-boneca? *Por favor.*

Achando mais graça do que sentindo irritação, ou pelo menos era o que parecia, Gladys gritou do outro recinto:

— Diabos, chama esse troço de Norma Jeane... *Você às vezes é tão inteligente quanto ela. Eu juro.*

Tanta empolgação que a criança estava exausta.

Hora da soneca de Norma Jeane.

Ainda assim: o telefone tocou. Conforme o fim de tarde minguava em começo da noite. E a criança pensava, com ansiedade: *Por que Mãe não atende o telefone? E se for o Pai? Ou ela sabe que não é o Pai? E como ela sabe disso, se isso é o que ela sabe?*

Nos contos de fadas dos irmãos Grimm que Vovó Della lia para Norma Jeane, aconteciam coisas que poderiam ser sonhos, que eram estranhas e assustadoras como sonhos, mas eram reais. *Situações das quais dava vontade de acordar, mas não era possível.*

Como Norma Jeane estava com sono! Ela estivera com tanta fome e comeu tanto bolo, uma comilança de porquinha de tanto bolo de aniversário no café da manhã, deixando-a enjoada

e com dor de dente, e talvez Gladys tivesse colocado um pouco de sua bebida especial incolor no suco de uva de Norma Jeane.

— ... Só um dedinho, para se divertir... — Para que seus olhos não ficassem abertos, sua cabeça bambeasse nos ombros como uma cabeça de madeira, e Gladys teve que acompanhá-la até seu quarto quente e sem ar e a deitou na cama molenga, onde Gladys não gostava muito que ela dormisse, no acolchoado de tecido de chenille, então Gladys puxou seus sapatos e, sempre meticulosa com essas coisas, colocou uma toalha sob a cabeça de Norma Jeane.

— Para você não babar no meu travesseiro.

Norma Jeane reconhecia o acolchoado de chenille laranja de visitas anteriores a outras residências da mãe, mas a cor havia desbotado; ele estava marcado com queimaduras de cigarro e borrões misteriosos, do tom de ferrugem ou de manchas de sangue antigas e desbotadas.

Lá em cima, na parede ao lado da cômoda, estava o pai de Norma Jeane olhando para ela. Ela o observou com os semicerrados. Sussurrou:

— *Pa-pai.*

A primeira vez! Em seu sexto aniversário.

A primeira vez a pronunciar a palavra: “*Pa-pai!*”

Gladys havia baixado a veneziana até o final, mas era um modelo velho, rachado, incapaz de segurar o sol feroz da tarde. O olhar flamejante de Deus. A raiva de Deus. Vovó Della se desapontara amargamente com Aimee Semple McPherson e a Igreja do Evangelho Quadrangular, mas ela acreditava, ainda, no que chamava de a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada e: “... É

um ensinamento difícil, e nós somos basicamente surdos para sua sabedoria, mas *é tudo o que temos.*” (Mas será que era assim mesmo? Gladys tinha seus próprios livros e nunca mencionava a Bíblia. Se tinha uma coisa a que Gladys se referia com paixão e maravilhamento era o Cinema.)

O sol tinha descido no céu quando Norma Jeane foi despertada em parte pelo telefone tocando no recinto ao lado. Aquele som discordante, aquele som de escárnio, aquele som de adulto bravo, aquele som de reprovação masculina. *Sei que você está aí, Gladys, sei que está ouvindo; você não pode se esconder de mim.* Até que enfim Gladys agarrou o fone no quarto ao lado e falou em uma voz alta e arrastada, meio suplicante. *Não! Não posso, não hoje à noite, falei para você, falei para você que é o aniversário da minha menininha, quero passar sozinha com ela — e uma pausa e então com mais urgência, meio gritando e meio chorando, como um animal ferido — Sim, eu falei, eu falei para você, eu tenho uma menininha, não me importo com o que você acha, sou uma pessoa normal, sou uma mãe de verdade, falei para você, tive bebês, sou uma mulher normal e não quero seu dinheiro imundo, não, eu disse que não posso ver você hoje à noite, não vou ver você nem hoje nem amanhã à noite, é melhor você me deixar em paz ou vai se arrepender, se você entrar aqui com essa chave, eu vou chamar a polícia, seu canalha!*

6.

Quando eu nasci, em 1º de junho de 1926, na ala de caridade do Los Angeles County Hospital, minha mãe não estava lá.

Onde estava minha mãe, ninguém sabia!

Quando a encontraram escondida, ficaram chocados e reprovaram-na, dizendo *Você tem uma linda bebê, sra. Mortensen, não quer segurar o bebê? É uma menina linda. Está na hora de mamar.* Mas minha mãe virou o rosto para a parede. Seus peitos vazavam leite como pus, mas não para mim.

Foi uma estranha, uma enfermeira, que ensinou minha mãe como me pegar e segurar. Como segurar a cabeça macia de um bebê com uma das mãos e dar apoio à coluna com a outra.

Mas e se eu deixar cair.

Não vai deixar cair!

É tão pesada e quente. Está... chutando.

Ela é uma bebê normal saudável. Uma graça. Olha estes olhos!

No Estúdio, onde Gladys Mortensen trabalhava desde os 19 anos, havia o mundo-que-se-vê-pelos-próprios-olhos e o mundo-pela-câmera. O primeiro não era nada, o segundo era tudo. Então com o tempo Mãe aprendeu a me perceber pelo espelho. Até sorrir para mim. (Não olhando nos olhos! Nunca.) Olha pelo espelho é quase como olhar pela lente de uma câmera, quase dá para amar.

O pai do bebê, eu adorava. O nome que ele me contou, não existe esse nome. Ele me deu 225 dólares e um número de telefone para TIRAR ISSO DAÍ. Será que realmente sou a mãe? Às vezes não acredito que seja.

Aprendemos a olhar para o espelho.

Lá estava minha Amiga-do-Espelho. Assim que tive idade suficiente para ver.

Minha Amiga Mágica.

Havia pureza nisso. Eu nunca havia experimentado meu rosto e corpo do lado de dentro (onde havia dormência como sono), apenas pelo espelho, onde havia nitidez e clareza. Dessa forma eu conseguia me ver.

Gladys ria. *Diabos, esta criança nem é tão feia, é? Acho que vou ficar com ela.*

Era uma decisão diária. Não permanente.

Eu era passada por aí em meio à névoa de fumaça azul. Três semanas de vida, enrolada em uma manta. Bêbada, uma mulher chorava. *Ah, a cabeça dela! Cuidado, coloca a mão debaixo da cabeça.* Outra mulher disse *Jesus, está uma fumaceira aqui dentro, onde está Gladys?* Homens espiavam e sorriam. *É uma garotinha, é? Como aquela bolsinha sedosa lá embaixo. Maciiiiiiiia.*

Mais tarde, em outro momento, um deles ajudou Mãe a me dar banho. E então ela e ele! Gritinhos e risadas, paredes de azulejos brancos. Poças de água no chão. Sais de banho perfumados. Sr. Eddy era rico! Era dono de três “lugares da moda” em Los Angeles, onde as estrelas jantavam e dançavam. Sr. Eddy no rádio. Sr. Eddy um brincalhão deixando notas de vinte dólares em lugares brincalhões: em um bloco de gelo no refrigerador da cozinha, enroladas dentro da persiana, nas páginas mutiladas do *The Little Treasury of American Verse*, a coleção de poemas americanos, grudadas dentro do vaso sanitário imundo.

A risada da Mãe era estridente e perfurante como vidro quebrando.

7.

— Mas antes você precisa ser *banhada*.

A palavra *banhada* foi pronunciada de forma lenta e sensual.

Gladys bebia sua água medicada, incapaz de se equilibrar na cadeira. No toca-discos, “Mood Indigo”. As mãos e rosto de Norma Jeane estavam pegajosos do bolo de aniversário. Era quase noite no sexto aniversário de Norma Jeane. Então a noite veio. Água barulhenta de ambas torneiras jorrou com um estrondo na banheira vitoriana velha e enferrujada no pequeno banheiro.

Sobre o refrigerador doméstico a bela boneca loira a encarava. Olhos azuis vítreos arregalados e boca de botão de rosa sempre prestes a sorrir. Se você a chacoalhasse, os olhos abriam ainda mais. A boca de botão de rosa nunca mudava. Pés minúsculos em botinhas brancas e sujas estavam virados para fora em um ângulo muito esquisito!

Mãe ensinou a letra para Norma Jeane. Murmurando e balançando.

You ain't been blue

No no no

You ain't been blue

Till you got that Mood Indigo

Mãe então ficou entediada com a música, agora está buscando por um de seus livros. Tantos livros ainda encaixotados. Gladys tivera aulas de elocução no Estúdio. Norma Jeane amava quando Gladys lia para ela porque

significava mais calma. Nada de arroubos súbitos de risadas, xingamentos ou lágrimas. A música era capaz disso. Mas lá estava Gladys com um olhar reverente folheando o *The Little Treasury of American Verse*, que era seu livro favorito. Com seus ombros magros levantados e cabeça erguida como uma atriz de cinema segurando o livro acima de si.

Porque eu não poderia parar para Morte.

Ele gentilmente parou para mim;

A Carruagem esperando mas só cabíamos Nós mesmos

E Imortalidade.

Norma Jeane ouviu com ansiedade. Quando Gladys terminasse o poema, ela se viraria para Norma Jeane com olhos brilhantes e cintilantes e:

— Sobre o que esse fala, Norma Jeane? — Norma Jeane não sabia. Gladys disse: — Um dia quando sua mãe não estiver por perto para salvar você, *você vai saber*. — Servindo mais do líquido forte transparente em uma xícara e bebendo.

Norma Jeane esperava por mais poemas, poemas com rimas, poemas que pudesse entender, mas Gladys parecia estar farta de poesia aquela noite. Também não leria *A máquina do tempo* ou *A guerra dos mundos*, que eram “livros proféticos” — “livros que logo virariam verdade” — como ela dizia às vezes em uma voz intensa e trêmula.

— Hora do *baanho* da Bebê.

Era uma cena de filme. Água jorrando das torneiras se misturava com música que quase dava para ouvir.

Gladys parou sobre Norma Jeane para despi-la. Mas Norma Jeane conseguia tirar as roupas sozinha! Ela tinha 6 anos. Gladys estava com pressa, afastando as mãos de Norma Jeane.

— Que *vergonha*. Toda suja de bolo. — Esperando encher a banheira, e era uma espera longa. Uma banheira tão grande. Gladys tirou seu vestido de crepe, puxando-o por cima então seu cabelo se ergueu em tufo sinuosos. Sua cútis pálida escorregadia de suor. Não deveria encarar o corpo de Mãe, que era tão secreto: pele pálida e sardenta, os ossos despontando, seios pequenos e duros como punhos fechados forçando a renda do sutiã. Norma Jeane quase conseguia ver fogo no cabelo estático de Gladys. Em seus olhos úmidos e cítricos vidrados.

O vento nas palmeiras do lado de fora da janela. Vozes dos mortos, Gladys as chamava. Sempre querendo *entrar*.

— Entrar em *nós* — explicou Gladys. — Porque não existem corpos o suficiente. A qualquer momento na história, nunca existe *vida* suficiente. E desde a Guerra... Você não se lembra da Guerra porque não tinha nascido ainda, mas eu me lembro, eu sou sua mãe e cheguei neste mundo antes de você... Desde a Guerra onde tantos homens e mulheres também e crianças morreram, existe essa escassez de corpos, fique sabendo. Todas essas pobres almas mortas agora ficam querendo se enfiar *dentro*.

Norma Jeane estava assustada. Enfiar dentro do quê?

Gladys caminhava, esperando a banheira encher. Não estava bêbada, muito menos chapada. Havia tirado a luva da mão direita e agora ambas as mãos magras estavam nuas e

avermelhadas em alguns pontos, a pele descamando; ela não queria admitir que era seu trabalho no Estúdio, sessenta horas por semana às vezes, a pele absorvendo produtos químicos apesar das luvas de látex, sim, e o cabelo também, os próprios folículos do cabelo, e nos pulmões, ah, ela estava morrendo! A América a estava matando! Quando começava a tossir, não conseguia parar. Sim, mas então por que fumava? Ora, todo mundo em Hollywood fumava, todo mundo nos filmes fumava, um cigarro acalmava os nervos, sim, mas Gladys colocava um limite na maconha, que os jornais chamavam de *baseados*. Que inferno, ela queria que Della soubesse que ela não era uma *viciada*, e ela não era uma *drogada*, ela não era uma *puta* mas que inferno ela nunca *nunca fez isso por dinheiro*, ou quase nunca.

E essa única vez tinha sido quando ficou oito semanas longe do Estúdio, demitida. Depois da Crise de outubro de 1929.

— Sabe o que foi isso? A Crise? A quebra da bolsa de Nova York?

Norma Jeane balançou a cabeça em dúvida. Não. O quê?

— Você tinha 3 anos na época, neném. Eu estava desesperada. Tudo que eu fiz, Norma Jeane, eu fiz para poupar *você*.

Erguendo Norma Jeane em seus braços, braços magros de musculatura vigorosa, erguendo-a com um resmungo, descendo na água cheia de vapor a criança assustada, chutando e esperneando. Norma Jeane choramingou, Norma Jeane não ousou gritar, mas a água estava tão quente! Pelando! Escaldante, escorrendo da torneira que Gladys esqueceu de

fechar, esquecera de fechar ambas as torneiras, assim como havia esquecido de testar a temperatura da água. Norma Jeane tentou sair da banheira, mas Gladys a empurrou de volta e:

— Fica quieta. Precisa tomar banho. Vou entrar também. Onde está o sabonete? Porqui-*nha*. — Gladys deu as costas para a Norma Jeane choramingando e tirou o resto das roupas rápido, anáguas, sutiã, calcinhas, lançando-as no chão, animada como uma dançarina. Nua então, entrou decidida na velha banheira vitoriana, escorregou e recuperou o equilíbrio, baixou os quadris magro na água que cheirava forte a sais de banho de gualtéria, sentou-se na frente da criança assustada, joelhos abertos como se para abraçar, ou segurar, a criança a qual dera à luz seis anos antes sob a agonia do desespero e da recriminação — *Onde você está? Por que me abandonou?* — destinadas ao homem que era seu amante, cujo nome ela não revelaria nem na agonia do parto. Que desajeitadas, mãe e filha naquela banheira, com ondas revoltas fazendo a água transbordar; Norma Jeane, empurrada pelo joelho da mãe, afundou até quase a altura do nariz, começou a se afogar e tossir, e Gladys rapidamente a levantou pelo cabelo, xingando: — Pare já com isso, Norma Jeane! Pode *parar*. — Gladys tateou até achar o sabonete e começou a esfregá-lo com vigor entre as mãos. Estranho para ela, que se encolhia para fugir do toque da filha, estar nua ali, apinhada na banheira com a filha; e estranha a expressão arrebatada, em êxtase, em seu rosto, corado e rosado pelo calor. Mais uma vez, Norma Jeane choramingou que a água estava quente demais, por favor, Mãe a água estava quente demais, tão quente que a pele mal conseguia sentir qualquer